



# O ESTILO DE JESUS

LIÇÕES PRÁTICAS DA SUA  
VIDA E MINISTÉRIO

Gayle D. Erwin

Shedd  
publicações

Em “O estilo de Jesus”, Gayle Erwin ajuda-nos a ver, sentir e ouvir Jesus como se fosse pela primeira vez, sem qualquer preconceito, predisposição ou parcialidade. Os apóstolos sabiam muito pouco sobre Jesus, mas o conheciam. Nós hoje tendemos saber muito sobre ele, mas não sabemos como gozar de uma íntima relação com ele.

A questão crítica, portanto, é quem foi Jesus, o que ele disse e fez em sua peregrinação terrena. Gayle Erwin coloca-nos face a face com o homem Jesus, a pessoa real que caminhava pelas empoeiradas estradas da Galiléia, vivia uma vida real, em situações reais, com pessoas reais e comunicava as mais profundas verdades em termos mais simples.

Como resultado de sua experiência pastoral, e se poderia acrescentar alguns tropeços iniciais, o autor força seus leitores a considerar honestamente, ou talvez seja ainda melhor dizer reconsiderar, os simples ensinamentos de Jesus com os quais já estamos muito familiarizados.

Neste livro, somos apresentados a um Jesus, do Novo Testamento, de uma maneira que penetra em nossas visões tradicionais e exige que abandonemos as racionalizações que temos criado para nos permitir professar sermos discípulos de Jesus, quando ao mesmo tempo, estamos dando a ele apenas obediência parcial, com somente parte do coração envolvido.

*Richard C. Halverson (1916-1995)*  
*Capelão, Senado dos Estados Unidos*

# Sumário



Prefácio à edição brasileira .....	7
Introdução .....	9
Prefácio .....	13

## UM ESTILO PRÓPRIO

Jesus, sim .....	15
A aproximação de Jesus .....	19

## O FORMADOR DE ESTILO

O número um .....	33
Um por todos .....	35
Todos por um .....	37
Um entre muitos .....	43

## O ESTILO DE JESUS

Ao nosso alcance .....	47
A suas ordens .....	49
A pirâmide do poder .....	55
Eu prefiro um sermão .....	63
Nem mais, nem menos .....	69
A criança é... ..	79
De segunda mão .....	85

Educando para ser o último .....	89
Um lugar na manjedoura .....	95
Adeus à violência .....	101
Olá, eu sou o reverendo... ..	107
Pés no chão .....	117
Tal Pai, tal Filho .....	121
Pastores não correm .....	127
Descobertas felizes feitas por acaso .....	129
O detentor do poder .....	131

#### VIVENDO O ESTILO

O doce e o amargo .....	137
O osso do tornozelo ligado ao do pé .....	139
Prisioneiros da história .....	143
Unindo-nos .....	151
Em casa com o Corpo .....	153
Compartilhando a dor .....	159
Uma palavra segue a outra .....	161
O estilo de todas as épocas .....	163

#### O ESTILO DE JESUS AO NOSSO ALCANCE

Guia de estudo .....	169
----------------------	-----

# Prefácio



Este livro surgiu de uma crise de entendimento e propósito que ocorreu em minha vida durante o início de meu pastorado. Naquela época, eu não sabia a extensão que os efeitos dessa crise trariam. Chegou um momento no qual, por uma questão simples de integridade, senti a necessidade de começar a relacionar minhas atividades pastorais com o que acreditava ser os ensinamentos bíblicos, e não permitir que tradições e expectativas culturais regessem minhas ações. Entretanto, descobri que a ponte entre o real e o ideal está em más condições. Você tem que atravessá-la por conta e risco e não pode carregar o excesso de bagagem de seus hábitos passados.

Atravessar esta ponte torna-se fonte de desilusão em relação às coisas que são familiares ao seu redor e aproxima-se perigosamente de um abismo de cinismo indiferente. Sempre desejei fazer uma pergunta a Deus e saber que ele a responderia completamente: “Por que você deixou sua igreja chegar a uma situação tão triste com facções, brigas e heresias?” Eu não tenho esta resposta, mas cheguei a um entendimento sobre princípio e propósito que me resgatou e, sob meu ponto de vista, tem o potencial de libertar a igreja e transformá-la no que Jesus gostaria que ela fosse.

*Pois quem quiser salvar a sua vida, a perderá; mas quem perder a sua vida por minha causa e pelo evangelho, a salvará (Mc 8.35).*

*Mais do que isso, considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por quem perdi todas as coisas. Eu as considero como esterco para poder ganhar Cristo (Fp 3.8).*

# Um estilo próprio

## *Jesus, sim.*



Era apenas um dos muitos cartazes que vimos sendo carregados pelos manifestantes da década de 1960, mas chamou-me a atenção. O cartaz simplesmente dizia, “Jesus, sim! Cristianismo, não!”

Eu refleti: “Por que em todos esses anos a realidade de Jesus permanece atraente, enquanto nossas interpretações dele se mostram menos cativantes?”. Em algum lugar perdemos a capacidade de entendê-lo de uma maneira que o retrate corretamente. Mas, onde foi? Será que há algo sobre ele que não tenhamos pesquisado ou analisado? Há uma chave, um momento, uma solução? Compartilho minha busca com vocês.

O foco ao longo do tempo, em toda a história, todo o estudo (minha tendenciosidade é evidente) é a pessoa de Jesus Cristo. Ainda assim, este livro não é sobre a onisciência, onipotência e onipresença de Jesus, não é sobre a predestinação ou o pré-conhecimento de Deus. Estas características, da maneira que são apresentadas em teologias sistemáticas e a maneira como tratam a natureza de Jesus, colocam-no fora de meu alcance, o que creio, algumas vezes, ser algo bom. Que mais pode ser dito sobre sua aparência impressionante do que as palavras apresentadas no primeiro capítulo de Apocalipse?

Em vez dessas descrições dominadoras e majestosas com

infinitas possibilidades de distorções, quero falar sobre sua encarnação. Quero tomar seu imenso poder, comprimí-lo dentro do corpo que lhe foi dado, colocar sua mão contra a pele dele e, se sua mente puder lidar com isso (eu sei que seu espírito pode), deixar você saber que o toque e o calor que sente é o próprio Deus.

Quando aquele primeiro choro foi ouvido vindo no estábulo de Belém, sob os cuidados de Maria e José, chegou um bebê enrugado e coberto de sangue. O universo alcançou seu momento de mudança. Pela primeira vez, o Deus e Criador que antes havia sido apenas ouvido, podia agora ser visto e tocado. Tudo que ele era, agora ocupava a carne... acessível, palpável, vulnerável.

Mesmo assim, a humanidade prefere o Deus distante e invisível. Temos dificuldade com o Deus que é carne. Preferimos nos confrontar com princípios, dogmas e idéias a ouvi-lo nos chamar para ele como uma pessoa.

Mas Deus não quis dessa maneira. Jesus, o ponto de divisão do tempo, podia ser tocado, e ele nos pôs em contato com Deus. É apropriado que os relatos mostrem-no indo por toda parte, tocando as pessoas, mesmo aqueles que, até aquele momento, eram intocáveis. Ironicamente, os relatos também mostram que aqueles que foram tocados por ele, não entenderam quem ele era. Até seus seguidores mais próximos muitas vezes ficaram incertos.

## *O Reino às avessas*

João Batista, primo de Jesus, é um exemplo dessa dúvida. Ele, no início de sua pregação, disse sobre Jesus: “Este é ele!” Mais tarde, demonstrando sua dúvida, ele perguntou a Jesus: “Você é ele?”

O que aconteceu nesse meio tempo? Por que ele ficou confuso sobre quem Jesus realmente era? João nos dá um indício

do que possa ter sido a fonte de sua confusão. Na época em que fez sua primeira declaração, João revelou que não teria reconhecido Jesus se não fosse pelo Espírito que desceu e permaneceu nele. Em outras palavras, não houve nada de automaticamente messiânico em sua aparência (o que é difícil de acreditar pelos retratos artísticos feitos de Jesus), nem suas ações condiziam com o que tradicionalmente se esperava do Messias.

Apesar de João pregar a mensagem de preparação que lhe foi dada, ele, juntamente com os discípulos que freqüentemente questionavam Jesus sobre quando ele livrar-se-ia de Roma e estabeleceria seu reino, poderia muito bem ter em seu íntimo um entendimento tradicional do Messias. A questão é: “Como alinharmos nosso entendimento à verdade?”

Os discípulos incessantemente confrontavam-se com o que Jesus tentava ensinar-lhes sobre o reino de Deus. Disputavam posições, manipulavam por favores especiais, discutiam sobre quem era o melhor. Eu, francamente, aprecio notar suas fraquezas humanas.

Naturalmente, hoje, considero-me muito evoluído para curvar-me a uma maneira tão grosseira de aproximação. Ao contrário, quando vou a reuniões de comitê, planejo como posso fazer para que os outros façam o que eu gostaria que fizessem, fazendo-os crer que é o que eles realmente querem fazer e ainda, por fim, fazer com que me dêem o crédito pela ação. Ou junto-me a outros em inteligentes manobras políticas por trás do pano, em convenções da igreja, e permaneço convenientemente cego em relação a meus motivos.

Jesus respondeu de maneira clara e sutil às competições dos discípulos (e aos meus motivos):

Vocês sabem que aqueles que são considerados governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. Não será assim entre vocês. Ao contrário,

quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo; e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo de todos. Pois nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos (Mc 10.42-45).

Esse homem disse que veio mais para servir do que ser servido. Ele governa, como certo autor observou, um “reino às avessas”. Quando o estudamos, ficamos tão surpresos quanto os discípulos ficaram. Quando João Batista perguntou: “Você é ele?”. Jesus respondeu, enumerando suas ações de cura e caridade. Ações de alguma maneira menos dramáticas do que as tradicionalmente esperadas de um Messias. João ainda estava na prisão. Roma ainda estava no controle. Onde estava Jesus, o rei? Ou alguma coisa havia dado errado, ou tudo havia sido mal compreendido. Jesus, sabendo da tensão entre sua realidade e nossa compreensão, colocou: “Feliz é aquele que não se escandaliza por minha causa” (Lucas 7.23).

Este é o Jesus sobre o qual quero falar. O Jesus que chamava a si mesmo de servo. Por razões que não posso entender, não encontrei nada, a não ser estudos superficiais e breves em minhas pesquisas de características de sujeição, que parecem ser tão evidentes e básicas na definição da pessoa de Jesus. Sei apenas que a simples percepção da existência dessas características e, até mesmo, a mínima incorporação delas em sua vida, têm um poder indescritível. Posso apenas convidá-los a vivê-las.

Analisaremos estas características no capítulo que se segue.

# *A aproximação de Jesus*



Colocaremos uma questão especulativa. E se você fosse Deus e quisesse revelar-se ao mundo? Sabendo da incrível disparidade entre você e as pessoas que habitam este mundo, qual seria seu primeiro ato?

Não há fim para a ironia e incongruência na maneira que Deus escolheu para revelar a si mesmo. Analisaremos alguns eventos paradoxais que aconteceram quando Jesus entrou neste mundo.

## *Nascido em um celeiro*

Que lugar mais improvável para um rei nascer! Após uma difícil jornada para uma mulher no nono mês de gravidez, um estábulo é o último lugar em que um marido amoroso gostaria que ela estivesse. As cenas de presépio, que decoram tantos lugares na época do Natal, são menos do que precisas. Nenhum deles tem o cheiro certo. Realmente não compreendemos quão insalubres eram as condições ao se ter de andar cuidadosamente entre os excrementos dos animais e, além disso, ter que deitar um recém-nascido, recém-chegado por meio das dores do parto, em uma manjedoura cheia de saliva de animais.

Não compreendemos completamente o embaraço que José deve ter sentido ao assistir sua mulher passar por essa dor

rodeada por esse ambiente. O Filho de Deus merecia algo melhor.

Meus quatro filhos nasceram todos sob condições muito sanitárias. Tão sanitárias que eu não fui bem-vindo. Como pai, foi, de alguma maneira, devastador ver as enfermeiras removerem rapidamente o bebê recém-nascido do quarto da mãe, porque eu estava entrando.

Se Deus houvesse me consultado, já que tenho alguma experiência em relações públicas, eu o teria aconselhado a estalar os dedos e criar um hospital de vários andares, super moderno, com uma magnífica fachada e um gigante diamante brilhante no topo, para captar os raios de sol e refleti-los sobre tudo ao seu redor. Seu Filho, é claro, seria o único e exclusivo paciente. Todo o mundo poderia, depois, visitá-lo e suspirar maravilhado com o lugar de nascimento do Filho de Deus.

Mas ele não me consultou e, em vez disso, teve seu Filho nascido em um estábulo. Esse foi um nascimento que não poderia impressionar ninguém, e certamente ninguém se sentiu ameaçado por ele. A maioria das pessoas poderia até vangloriar-se por ter condições melhores. Talvez possamos ficar mais contentes com a cidade escolhida. Podemos?

*E sua escolha de local?* Uma cidade famosa aumentaria a possibilidade das pessoas lembrarem dele e, definitivamente, melhoraria sua imagem. Mas, Belém? Não há hotéis suficientes e centros de convenções para ser um lugar apropriado para se visitar e honrar a memória do Rei. Não. Belém não era grande o suficiente para que o Filho de Deus nascesse lá. Mas ele nasceu. Ninguém poderia sentir-se intimidado por seu lugar de nascimento. Ah, mas realeza é realeza, e a sofisticação de sua paternidade apareceria. Apareceria?

*E sua paternidade?* Agora acreditamos no nascimento vindo de uma virgem. A doutrina tem sido ensinada e aceita pela maioria do mundo cristão. Entretanto, na época do nascimento

de Jesus, eles não sabiam sobre a virgindade. Jesus cresceu em meio a sussurros de “bastardo” e o estigma de ter sido concebido fora das bênçãos do casamento.

E se uma garota de um proeminente grupo de jovens da igreja aparecesse grávida? Nada em sua vida indicava que tal coisa aconteceria algum dia, portanto, todos ficariam chocados. O líder do grupo, com grande hesitação e vergonha, finalmente juntaria coragem suficiente para perguntar a ela quem era o pai. Ela responderia: “O Espírito Santo”. A igreja riria dela com escárnio.

Você acha que os amigos e vizinhos de Jesus nunca perguntaram por que ele não se parecia com José? Você acha que seus amigos de infância nunca se reuniram e riram de sua declaração de que o Espírito Santo era seu pai? Você acha que os fariseus nunca trouxeram esse fato à tona?

Nos tempos bíblicos um bastardo e seus descendentes até a décima geração eram excluídos da assembléia do Senhor. Bastardos não tinham direito aos cuidados paternos e aos privilégios costumeiros e à disciplina de uma criança legítima. Apesar de sabermos que Jesus não era bastardo, o mundo o via de modo diferente. Se você procurava ser reconhecido como Deus, não iria querer esse tipo de coisa em seu registro. Qualquer oponente teria um prato cheio de lama para atirar em seu rosto. Os cochichos e fofocas seriam devastadores. No entanto, as muitas pessoas que haviam nascido sob o escárnio do mundo, agora haviam encontrado uma pessoa cujo nascimento não os intimidaria, uma pessoa que poderia redimi-los. Quão tremendamente vulnerável ele se fez para este mundo cáustico. Nascido de uma virgem. E, como se isto não fosse suficiente, seus ancestrais deixaram-no com poucas coisas de que se vangloriar.

### *A sujeira debaixo do tapete*

A genealogia nunca me inspirou, e, pelo que ouço, muitas pessoas ficam cansadas ao ler a Bíblia quando têm que passar

**"CRISTÃOS TÊM UMA INCLINAÇÃO MUITO  
MAIOR PARA ACEITAR A JESUS DO QUE  
PARA VIVER COM O ESTILO DE JESUS".  
RUSSELL P. SHEDD**

EM "O ESTILO DE JESUS", GAYLE ERWIN AJUDA-NOS A VER, SENTIR E OUVIR JESUS COMO SE FOSSE PELA PRIMEIRA VEZ, SEM QUALQUER PRECONCETTO, PREDISPOSIÇÃO OU PARCIALIDADE. OS APOSTOLOS SABIAM MUITO POUCO SOBRE JESUS, MAS O CONHECIAM. NÓS HOJE TENDEMOS SABER MUITO SOBRE ELE, MAS NÃO SABEMOS COMO GOZAR DE UMA ÍNTIMA RELAÇÃO COM ELE.

A QUESTÃO CRÍTICA, PORTANTO, É QUEM FOI JESUS, O QUE ELE DISSE E FEZ EM SUA PEREGRINAÇÃO TERRENA. GAYLE ERWIN COLOCA-NOS FACE A FACE COM O HOMEM JESUS, A PESSOA REAL QUE CAMINHAVA PELAS EMPOEIRADAS ESTRADAS DA GALILÉIA, VIVIA UMA VIDA REAL, EM SITUAÇÕES REAIS, COM PESSOAS REAIS E COMUNICAVA AS MAIS PROFUNDAS VERDADES EM TERMOS MAIS SIMPLES.

COMO RESULTADO DE SUA EXPERIÊNCIA PASTORAL, E SE PODERIA ACRESCENTAR ALGUNS TROPEÇOS INICIAIS, O AUTOR FORÇA SEUS LEITORES A CONSIDERAR HONESTAMENTE, O UTAIWEZ SEJA AINDA MELHOR DIZER RECONSIDERAR, OS SIMPLES ENSINAMENTOS DE JESUS COM OS QUAIS JÁ ESTAMOS MUITO FAMILIARIZADOS.

NESTE LIVRO, SOMOS APRESENTADOS A UM JESUS, DO NOVO TESTAMENTO, DE UMA MANEIRA QUE PENETRA EM NOSSAS VISÕES TRADICIONAIS E EXIGE QUE ABANDONEMOS AS RACIONALIZAÇÕES QUE TEMOS CRIADO PARA NOS PERMITIR PROFESSAR SERMOS DISCÍPULOS DE JESUS, QUANDO AO MESMO TEMPO, ESTAMOS DANDO A ELE APENAS OBEDIÊNCIA PARCIAL, COM SOMENTE PARTE DO CORAÇÃO ENVOLVIDO.

*RICHARD C. HALVERSON (1916-1995)*  
CAPELÃO, SENADO DOS ESTADOS UNIDOS

GAYLE ERWIN TRABALHOU QUARENTA ANOS COMO PASTOR, PROFESSOR UNIVERSITÁRIO, EVANGELISTA, CRIADOR E EDITOR DE REVISTA. ATUALMENTE, DEVOTA SEU TEMPO A ENSINAR E ESCREVER SOBRE A NATUREZA DE JESUS.